

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

**Na Companhia de William Greaves | A Cinemateca com o Doclisboa | sessão Retratos históricos
20 e 25 de Outubro de 2025**

Frederick Douglass: An American Life / 1985

Realização, Produção: William Greaves Argumento: Lou Potter, William Greaves Montagem: Alonzo Speight, William Greaves Câmara: Juliana Wang Som: Stanley Nelson (captação), John Dandre, David Greaves (montagem), Blair Hubbard, Rock Dior (misturas) Direcção artística: Louanne Gilleland Guarda-roupa: Myrna Colley-Lee Caracterização: Kevin Board, Jay Pearlman Consultores históricos: Benjamin Quarles, Dickson J. Preston, John Blassingame Consultores técnicos: Jane Chandler, Marilyn Nickels, Pam West, Tyra Walker Interpretação: Hugh Morgan (Frederick Douglass), Jacqueline Scates (Helen Pitts Douglass), Daniel Wooten Jr. (Douglass em criança), R.A. Montegomery (Douglass em jovem), Phyllis Stickney (Anna Douglass), William Curtis (William Lloyd Garrison), Janet Ellis (Julia Griffith), Ebony Jo-Ann (Harriet Tubman), Lee Moore (John Brown), Don Plumley (Hern), Charles Reid (Abraham Lincoln), Stephanie Berry (Rosetta Douglass).

Produção: William Greaves Productions, Inc. para o The National Park Service (Estados Unidos, 1985) Co-produtores: Dwight Williams, Louise Archambault Produtor executivo: Tim Radford Cópia: ficheiro digital, cor, legendada eletronicamente em português, 33 minutos Estreia: 1985, na estação televisiva norte-americana PBS Inédito comercialmente em Portugal Primeira apresentação na Cinemateca.

Ida B. Wells: A Passion for Justice / 1989

Realização, Argumento: William Greaves Imagem: Jerry Pantzer, Nick Doob, Juliana Wang Som: Charles Blackwell, Mark Lynch, Charles Burnett Montagem: Gary Winter Música original, Direcção musical: Kermit Moore Música (montagem): Nina Schulman Som (montagem): John Dandre Consultores, Investigação: Elsa Barclay Brown, Catherine Clinton, Eric Fones, Darleen Calrk.Hine, Thomas C. Holt, Mary Hutton, Jacqueline Jones, Albert Kreiling Grafismo (investigação): Minda Novek, Pearl Bowser, Louise Archambault Com: Al Freeman, Jr. (narrador), Toni Morrison (no seu próprio papel).

Produção: William Greaves para o The National Park Service (Estados Unidos, 1985) Produtores: William Greaves, Louise Archambault Direcção de produção: Dipu Mehta Cópia: ficheiro digital, cor, legendada eletronicamente em português, 55 minutos Estreia: 1985, na estação televisiva norte-americana PBS Inédito comercialmente em Portugal Primeira apresentação na Cinemateca.

filmes de WILLIAM GREAVES

NOTA

Os dois filmes vão ser mostrados em cópias digitalizadas de baixa resolução. No caso do primeiro título, directamente transscrito de uma cópia 16 mm, a banda de som apresenta um ruído de fundo constante. São os materiais possíveis para projecção neste momento.

Era um artista, William Greaves. Mais do que referi-lo como cineasta, actor, cantor, é preciso lembrar que era *um artista*. Multidisciplinar como hoje se diria. Um artista que cresceu numa família de trabalhadores imigrantes no Harlem e viveu a passagem do Renascimento cultural da década de 1920 para a longa e agreste travessia da Grande Depressão dos anos 30, desafiando os obstáculos sociais, raciais e económicos da época. Foi assim que nestas salas, há poucos dias, o descreveram David Greaves e Liani Greaves, seus descendentes e representantes da Fundação com o seu nome, presentemente dedicada à recuperação e divulgação da sua obra. A mesa-redonda em que participaram teve por mote “o compromisso de ser livre” e foi esse compromisso com a liberdade que lembraram com entusiasmo, associando-o à prática artística de Bill Greaves (Liani contou, sorridente, como tinha de tratar o avô em público pelo diminutivo do nome próprio), em especial ao cinema, altamente “experimental”, de extremo empenho político, e do mesmo modo documental, ensaísta e até pedagógico e informativo.

De meados e finais dos anos 1980, *Frederick Douglass: An American Life* e *Ida B. Wells: A Passion for Justice* aí se contextualizam, propondo dois “retratos” de figuras históricas ímpares, financiados pelo National Park Service e estreados no canal público televisivo norte-americano PBS. Documentam as figuras e os percursos de dois “eminentes intelectuais e abolicionistas afro-americanos do século XIX [que] tiveram de superar o estigma do tom da pele para fazerem ouvir a sua voz e dar expressão à experiência negra nos Estados Unidos”. Como também se escreve na nota de apresentação da sessão, Frederick Douglass, figura central do movimento abolicionista, privou com a jornalista e pedagoga Ida B. Wells e apoiou a sua campanha anti-linchamentos. Por outro lado – acrescente-se – são filmes que “revelam algumas das facetas da práxis greavesiana, inicialmente testadas durante o período canadense, misturando informação factual e histórica com momentos assumidamente ficcionados”. Os trinta minutos do primeiro título resultam de uma abordagem ficcionalizada que reconstitui momentos-chave da biografia de Douglass como abolicionista e defensor dos direitos civis. Próximo da duração convencional do “filme para televisão” (pouco menos de 60 minutos), o segundo apoia-se maioritariamente em documentação escrita e fotográfica, recriações gráficas, depoimentos, leituras, para retratar a vida da jornalista e activista pioneira que por volta de 1989 era um nome esquecido.

A vida americana de Frederick Augustus Washington Bailey (1818-1895), estadista, jornalista e orador, conhecido escritor e abolicionista, pauta-se pela maneira como ele próprio, nascido escravizado, escapou à escravatura e se dedicou ao combate cívico pelos direitos de afro-americanos e das mulheres em geral. É aliás numa réplica final de *Frederick Douglass: An American Life* que ouvimos dizer à personagem, lapidar: “Quando fugi da escravatura foi por mim mesmo. Quando defendi a emancipação foi pelo meu povo. Quando me posicionei a favor dos direitos das mulheres pensei que era indiscutível e encontrei alguma nobreza nesse acto.” Publicada em 1845, a biografia intitulada *Narrativa da Vida de Frederick Douglass, um escravo Americano* relata poderosamente os anos de cativeiro, a fuga, a vontade inabalável de liberdade. A inteligência e a defesa da literacia e da educação, tal como o brilho, a consistência e lucidez dos discursos, são outros vértices da luta de vida de Douglass, ficcionalizada a preceito no “docudrama” de Greaves em que fica assente a sua determinação, percurso decisivo, legado persistente na história dos afro-americanos, e de forma mais alargada na da justiça e direitos humanos.

Jornalista, activista, sufragista, feminista, “uma heroína americana”, que a dada altura também foi professora numa escola pública segregada do Memphis, e que a partir de 1892 se empenhou na luta anti-linchamentos, Ida B. Wells (1862-1931) é hoje reconhecida como uma protagonista da dita América negra. Na época, o seu relevo foi justamente equiparado ao dos líderes afro-americanos contemporâneos Booker T. Washington ou W.E.B. DuBois, mas o reconhecimento do seu legado, impresso nas páginas dos jornais em que escreveu e que dirigiu – *The Memphis Free Speech and Headlight and Free Speech* – ou mais tarde na sua autobiografia *Crusade for Justice* (1970, cuja primeira edição esteve esgotada durante largos anos), fez a travessia do esquecimento. O filme de William Greaves concorreu especialmente para essa recuperação a partir de finais da década de 1980. Aqui se encontram uma série de informações, documentos, recriações que resgatam a sua história, alvo de todas as discriminações e personificação de resistência e de ética – enquanto mulher, mulher negra, mãe e figura pública, uma intelectual e uma activista no início do século XX. As leituras de escritos fundamentais de Wells por Toni Morrison (1931-2019, Nobel da Literatura em 1993), são outro elemento poderoso de *Ida B. Wells: A Passion for Justice*. Num texto apressado, uma última nota curiosa: Charles Burnett, o cineasta de *Killer of Sheep* (1978), surge nos créditos como cúmplice de William Greaves neste filme, apoiando em especial as filmagens em Los Angeles. *Les beaux esprits se rencontrent.*

Maria João Madeira